

Alain Badiou, Lacan e a psicanálise brasileira
ALAIN BADIOU, LACAN AND BRAZILIAN PSYCHOANALYSIS

*Rodrigo Gonsalves **

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo apresentar elementos centrais da discussão de Alain Badiou acerca da dimensão da antifilosofia. Mais especificamente, versa sobre a acolhida do pensamento filosófico ter se dado em solo nacional por uma via heterogênea, trata-se justamente, daquilo que Badiou nomeia enquanto uma das estratégias anti-filosóficas que o mesmo problematiza, a saber, a psicanálise. Traçando brevemente as vias de entrada do pensamento de Alain Badiou no Brasil, o artigo hipotetiza, acerca da acolhida crítica de Badiou enquanto antídoto aos possíveis excessos e riscos da psicanálise, evitando uma repetição sintomática da história do campo no país e também, acenando para um futuro emancipatório distinto ao flerte liberal e das estratégias institucionalizantes da psicanálise em tecnologias de dominação.

PALAVRAS-CHAVE: Badiou; Lacan; psicanálise; antifilosofia; ontologia.

ABSTRACT

This article aims to present central elements of Alain Badiou's discussion on the dimension of anti-philosophy. More specifically, it discusses the reception of philosophical thought in Brazil through a heterogeneous route, which is precisely what Badiou calls one of the anti-philosophical strategies that he problematizes, namely, psychoanalysis. Briefly tracing the routes through which Alain Badiou's thought entered Brazil, the article hypothesizes about Badiou's critical reception as an antidote to the possible excesses and risks of psychoanalysis, avoiding a symptomatic repetition of the history of the field in the country and also pointing to an emancipatory future distinct from the liberal flirtation and institutionalizing strategies of psychoanalysis in technologies of domination.

KEYWORDS: Badiou; Lacan; psychoanalysis; anti-philosophy; ontology.

* Rodrigo Gonsalves - Ph.D pela EGS (European Graduate School), Saas-Fee, Suíça; Doutorando pela USP - IPUSP, São Paulo, Brasil; CAPES, São Paulo, Brasil, rodrigoluizczg@usp.br. <https://lattes.cnpq.br/2898924799034132>. <https://orcid.org/0000-0003-4681-1549>

Uma breve apresentação ao pensamento de Badiou

Alain Badiou depreende um esforço de pensamento filosófico à altura de um campo moldado por nomes próprios como o de Kant ou Hegel. Badiou desenvolveu uma *teoria de sujeito*, uma *teorização epistemológica de mundos*, uma *teoria da transformação*, alinhados a um sistema de pensamento que centraliza a matemática (especificamente, a teoria dos conjuntos e das categorias) em seu caráter ontológico. Quando observamos o estado atual do campo filosófico, infiltrado pelos efeitos daquilo que Adorno nomeou de *halbbildung*, de semi-formação, que versa sobre as consequências das imposições mercadológicas que capturam o pensamento das pessoas, ampliando formas de alienação que as afastam do pensamento crítico, afastam a dimensão reflexiva frente aos impasses da realidade capitalista e suas novas tecnologias de dominação. Conseguimos especular uma possível consonância à reticência diagnóstica de Badiou acerca do papel da filosofia em nossos tempos, ponto que o obrigou a, primeiramente, defender o campo filosófico contra o seu deserto de pensamento e em um segundo momento, salvaguardá-lo de suas perversões, populadas por subcelebridades de produções culturais consumíveis transvertidas de boa filosofia. Badiou critica a ideia de um filósofo que se coloca como um "tudólogo", disputa a ideia desses "filósofos" de TV (BADIOU & ŽIŽEK, 2009, p.13), destes que gozam de um verniz de autoridade discursiva, mas que acabam por fim impedindo que um pensamento ocorra, que ocupam os espaços midiáticos soterrando o pensamento com seus lugares-comuns - ainda que estes digam se posicionarem no campo filosófico ou que afirmam falarem em nome da filosofia...- Badiou critica a impostura destes que ocupam espaços do pensamento sem um compromisso filosófico, sem um esforço de fidelidade à raridade do

pensamento frente às mazelas, as contradições e formas de dominações que nos acometem.

Para Badiou, a filosofia cumpre um papel crucial de inquietação diante da existência humana. Trata-se de um campo constitutivo de rupturas de linguagem, de saberes, que possui em seu horizonte a busca por verdades, mas também, ações que possam pensar a transformação (ibid., p.20). Somos fadados a escolher (ibid., p.15) e assim, uma filosofia que se entenda enquanto tal, precisa cumprir tarefas diante das *situações* postas na realidade. A filosofia de Badiou ocupa-se das *condições de pensabilidade* de transformações acerca do que hoje é impossível em nosso horizonte. Primeiro, trata-se da tarefa de iluminar as escolhas fundamentais do pensamento; segundo, iluminar a distância entre o pensamento e o poder, entre verdades e o Estado; e finalmente, iluminar o valor da exceção (ibid., p.19), daquilo que é *raro*, *acontecimental*, ações que inventam ou reconfiguram as coordenadas postas da realidade frente ao valor de ruptura deste acontecimento. Sem estes três elementos, a filosofia encastela-se enquanto disciplina universitária e possui pouca efetividade sobre a vida das pessoas, logo, traindo seu papel fundamental, como aponta Badiou. Em acordo com o caráter criativo do conceito filosófico no sentido atribuído por Gilles Deleuze, Badiou entende que o papel do conceito filosófico está no enlace destas três tarefas frente às situações postas, "[o] problema da escolha (ou decisão), [o] problema da distância (ou lacuna) e [o] problema da exceção (ou evento)" (ibid., p.19). As tarefas de compromisso do filósofo se dão quando desafiados pelos esforços por uma "uma teoria da universalidade", pois apenas assim "podemos dizer que a filosofia, que é o pensamento não do que há, mas do que há daquilo que não há (não de contratos, mas de contratos rompidos), está exclusivamente interessada em relações que não são relações." (ibid., p.21) Não entregues à uma repetição reflexiva do que está dado estão nas

"rupturas, as decisões, as distâncias e os acontecimentos" (ibid., p.21) aquilo que indica que uma filosofia *pode haver* para Badiou. Ou como o mesmo resume, a filosofia: "[é] um diagnóstico da época: o que a época propõe? É uma construção, a partir dessa proposição contemporânea, de um conceito de verdade. É, enfim, uma experiência existencial relativa à vida verdadeira. A unidade das três é a filosofia." (BADIOU, 2015, p.169)

A *grosso modo* conseguimos dizer que Badiou compõe obras e textos sobre quatro áreas: filosofia, matemática, política e arte. Suas três grandes obras filosóficas são *L'être et l'événement* [Ser e Acontecimento] (2005) [1998], *Logique des mondes* [Lógica dos Mundos] (2006) e *L'Immanence des vérités* [Imanência das Verdades] (2013) onde os fundamentos de seu pensamento estão melhores lapidados¹. O presente artigo não tem intenção de resumir um projeto tão refinado e profundo, o intuito desta breve seção é *introduzir* alguns dos elementos da filosofia de Badiou para situarmos a designação da *antifilosofia* de Lacan (termo cunhado por Badiou) e a psicanálise local. Ao longo deste percurso, Badiou argumenta o caráter consequente de uma filosofia ciente da existência de *verdade(s)*, no entanto, menos do que um apelo excepcionalista inerente ao campo ou mais outro engessamento do Um, seu esforço é pensar uma filosofia do *acontecimento*. O sistema filosófico de Badiou afirma a verdade filosófica, assim como, as verdades oriundas das condições. Badiou defende a existência da verdade filosófica em sua relação *condicionada* às verdade(s) que se dão em outros lugares, a saber, a *ciência*, *política*, *arte* e o *amor*, lugares aos quais as verdades são acessadas filosoficamente por meio de *procedimentos genéricos*. Logo, a filosofia não detém exclusividade de acessibilidade à verdade em detrimento às condições, pelo contrário, a

¹ Infelizmente, apenas a primeira dessas obras foi traduzida para o português.

filosofia é condicionada por tais procedimentos de verdades. Como defende Badiou em seu primeiro Manifesto pela Filosofia:

Uma vez que a filosofia é um exercício de pensamento sobre a brecha do tempo, uma torção que se reflete sobre aquilo que a condiciona, ela se sustenta mais frequentemente de condições precárias, nascentes. Ela se institui nas bordas da nominação interveniente pela qual um acontecimento engaja um procedimento genérico. Aquilo que condiciona uma grande filosofia, muito além dos saberes instituídos e consolidados, são as crises, avanços e paradoxos da matemática, os tremores na língua poética, as revoluções e provocações da política inventada, as vacilações da relação dos dois sexos. (BADIOU, 2022, pp. 24-5)

Em *Ser e Acontecimento* (2005) [1998], Badiou formula uma ontologia fruto da relação entre o *ser enquanto ser* e o *acontecimento*, uma ontologia que visa endereçar um dos impasses fundantes do campo, a saber, a dicotomia entre o ser Um e o ser múltiplo (BADIOU (2005) [1998], p. 24), sustentando a afirmação negativa de que o *Um não é* (BADIOU (2005) [1998], p. 90). Afirmar que o Um não é, é respaldar uma terceira via que não se esconde no racionalismo do Um, mas que também não pressupõe de forma ingênua, um acesso direto à multiplicidade pura. Compreender que o Um não é, visa sustentar uma ontologia que compreende que toda e qualquer *situação* que vivemos está condicionada e surge inequivocamente enquanto uma situação². Badiou compõe uma doutrina do *sujeito* em sua filosofia que se dá entre *ser e acontecimento*. Como explicita em seu seminário *The One* [O Um] (2023) [2016], "o ser enquanto ser, isto é, compreendido em termos daquilo que pode ser dito acerca do ser, é ao meu ver dito pela matemática, aquilo que é historicamente constituído como sistema ontológico" (2023, p.15); por sua vez, o acontecimento "não é da ordem

2 Entendendo a noção de *situação* da maneira como formula o autor a apresenta em *Ser e Acontecimento*: "Qualquer multiplicidade consistente apresentada, portanto: um múltiplo (+), e um regime da contagem-como-um (+), ou estrutura (+)" (Badiou, 2005 p.522).

do ser enquanto tal, não é nem matemático, nem matematizável. É uma categoria específica na qual a historicidade, que não possui ser (a história não existe), é atrelada." (ibid., p.15), e que assim, a "...filosofia, refere-se como a dialética geral entre ser e acontecimento enquanto doutrina do sujeito" (ibid., p.16).

Badiou busca uma aproximação filosófica da matemática. Uma maneira de considerarmos esse cerne do pensamento de Badiou seria considerarmos uma situação rotineira em que certa estabilidade normativa se mantém. Porém, diante deste cenário, o múltiplo advém forçando uma ruptura que desorganiza a normatividade posta e forçando que um novo transite sobre o vazio que ali se escancarou, forçando uma reorganização inédita ou uma invenção, até então, impossível. Neste processo, a queda das pressuposições ideais subjetivas rígidas e das objetividades pré-determinadas são cruciais na compreensão ontológica de Badiou, são processos de consistência e inconsistência frente ao acaso radical que alinham-se à indecidibilidade do *acontecimento* e ao caráter retroativo do sujeito, este que apenas a posteriori a sua experiência de fidelidade pelos "procedimentos genéricos" poderá efetivar-se enquanto tal. A relação entre sujeito e acontecimento viabiliza novas sensibilidades e alternativas ao embrutecimento posto. Tais procedimentos genéricos são os ocorridos na *arte*, na *ciência*, no *amor* e na *política*, são locais externos à filosofia onde os acontecimentos se dão, mas locais que permitem a subjetivação do sujeito por serem um inegável extravasamento de real. Os acontecimentos suscitam efeitos de subjetivação diante da realidade local que convidam o sujeito à possibilidade de encarnar a potência à universalização, de sustentar sua ação fiel ao novo, à transformação e à mudança. Ou que pode, por outro lado, suscitar a postura do recrudescimento, do rechaço e do declínio do novo, acenando ao reacionarismo e ao obscurantismo, que nega tal potencial transformadora em nossas ações diante do mundo.

Após a publicação de suas duas principais obras filosóficas, Badiou publicou dois manifestos pela filosofia com o intuito de disseminar seus argumentos de maneira mais condensada, porém sob o caráter de emergência que apenas um "manifesto" consegue produzir. Em seu primeiro manifesto pela filosofia (1989), Badiou denuncia a situação espúria do campo em sua profunda dormência heideggeriana, dormência esta fruto da *sutura* do pensamento em relação à poética, a saturação do campo filosófico com a poética provocada por Heidegger, que ao invés de dar palco à poesia enquanto condição de abertura da arte à própria filosofia, usou-a para fugir dos impasses propriamente filosóficos fazendo da poética um "tampão" para o pensamento. Para Badiou, Heidegger valeu-se da poética enquanto um artifício normativo que execrou o caráter lógico do vazio do campo filosófico. Já em seu segundo manifesto (2022), Badiou disputa o horizonte de proliferações pseudo-filosóficas que espalham perspectivas moralistas, obscuras e reacionárias, levando o pensamento filosófico ao pior. Encarnando sob um disfarce de dignidade filosófica, aquilo que no fundo trata-se apenas de moralismos e platitudes. Em "Ser e Evento" (2005) [1998], Badiou desenvolve uma teoria de sujeito que centraliza a ontologia matemática, mas mais do que isso, tece uma teoria da transformação em seu comprometimento mais radical possível, visando escapar das amarras de dominação que consistentemente repetem as coordenadas da realidade como estão postas. Em suma, sua ontologia se dá na testagem das condições de verdade sobre o sujeito, permitindo uma subjetivação de comprometimento com a *verdade do sujeito*, em relação à uma verdade por vir e não uma pressuposta verdade estanque ou dada de antemão. A ontologia badiouiana é inerentemente entrelaçada às implicações dos *acontecimentos* e seus movimentos contra os respingos de uma metafísica do Um. Badiou busca as condições de possibilidade para se

contar uma outra conta aos corpos viventes, que suscite outras dinâmicas de enlaces libidinais, outras formas de organização sociais e que vise em seu horizonte as transformações das normatividades de dominação que estão postas em nome de uma emancipação (im)possível.

Alain Badiou, Brasil e a psicanálise

Badiou visitou o Brasil em duas ocasiões entre 1993 e 1996 (GARCIA, 1999 p.19). Em ambas visitas, Badiou serviu compromissos de difusão do seu pensamento filosófico em território nacional, no entanto, há uma certa particularidade acerca de como a disseminação do pensamento de Badiou em terras brasileiras se deu. Certa peculiaridade que, curiosamente, parece perdurar até os dias de hoje quando nos deparamos com o pensamento de Badiou no Brasil, que é a acolhida do pensamento do filósofo francês pelas escolas, grupos e círculos de *psicanálise* locais que é comparativamente sobressalente em relação à circulação de seu pensamento em disciplinas filosóficas nas universidades.

Poderíamos especular que tal "peculiaridade" mostra-se, por um lado, pela especificidade da filosofia local nos anos 90 em relação aos expoentes da "aventura francesa do pensamento"³, onde o expediente do

3 Em terras brasileiras os nomes próprios de Henri Bergson, Georges Canguilhem, dos russos alocados na França Alexandre Kojève, Alexander Koyré, de Jean-Paul Sartre, Maurice Merleau-Ponty, Jean Hyppolite, Gérard Lebrun, Louis Althusser, Jacques Lacan, Michel Foucault, Jacques Derrida, Philippe Lacoue-Labarthe, Maurice Blanchot, Gilles Deleuze, Félix Guattari e tantos outros nomes já aclimatados nos debates locais, pensadores estes que já circulavam pelos trabalhos, estudos e produções filosóficas de Bento Prado Jr. (1991), Paulo Arantes (1994), Luiz Roberto Monzani (1991) e de tantos outros pensadores brasileiros. E, especificamente em *As aventuras da filosofia francesa* (2012), Badiou desenvolve um retrato específico deste raro instante do pensamento francês ocorrido em meados do século XX que marcou uma "oxigenação" criativa ao

pensamento estruturalista rumo ao pós-estruturalismo francês era amplamente disseminados, explorados e debatidos (mesmo que com uma presença mais significativa em instituições universitárias, mas não exclusivamente), mas que talvez, diante das bases *políticas* de Badiou (advindo da juventude maoista dos movimentos de maio de 68 e abertamente defensor do comunismo) e de suas teses que interseccionam aspectos entre os pensadores analíticos-lógicos e os pressupostos filósofos continentais, causaram um certo distanciamento ou estranhamento ao invés de um acolhimento. O campo institucional da filosofia poderia ter sido uma via facilitada de entrada e difusão do pensamento de Badiou em terras nacionais, no entanto, evidenciou-se não ter sido esse o caso -, a via de entrada do pensador no cenário nacional foi outra e o campo filosófico nacional demonstrou um interesse anêmico por Badiou em seus departamentos de filosofia no país. Se se trata de uma resistência, seria um problema mais profundo não investigado por aqui, mas essa não deixa de ser uma interrogação válida a se fazer. Defendemos aqui como a entrada e acolhida de Badiou no Brasil foi peculiar por tratar-se de um filósofo com severas críticas à psicanálise, mas que foi acolhido pelo mesmo campo ao tece tantas

pensamento filosófico. Badiou justifica a especificidade deste momento resultante da (a) retomada do pensamento filosófico germânico na busca da noção de *conceito e existência* (ibid., p.v) aos momento destes autores, (b) a relação criativa e potente da ciência da época (ibid., p.v), (c) o caráter político presente no ativismo de filósofos como Sartre, Althusser, Foucault e Deleuze, onde a reatualização do político no processo transformador das situações e sua relação com conceito e a ação engajada carecia ser pensada (ibid., p.vi) e (d) finalmente, o processo de modernização, o aceno de como a filosofia pode aproximar-se da criação das formas (ibid., p.vi). Em suma, a retomada do pensamento germânico com o intuito de "deslocar a relação entre o conceito e seu ambiente externo, desenvolvendo novas relações de existência, pensamento, ação e de movimento das formas" (ibid., p.lvi), a especificidade deste momento na França, que como consequência de potência criativa no campo do pensamento, desdobrou-se para diversas áreas, saberes e reverberou geograficamente em outros tantos lugares do mundo, o Brasil sendo um destes.

críticas: o psicanalítico. Especialmente, quando considerarmos o momento psicanalítico do Brasil dos anos 90, onde a difusão e ampliação do campo sob os auspícios do nome próprio de Jacques Lacan (DUNKER 2015, p.108), seguia crescendo em sua projeção dentro do cenário local, sustentando um caminho alternativo crucial às tradicionais linhas psicanalíticas das escolas inglesas e acenando uma abertura às estratégias psicanalíticas mais próximas à vivência local das pessoas, às suas experiências de sofrimento. Podemos afirmar tais peculiaridades da introdução do pensamento badiouiano no Brasil, expressando-se objetivamente na tímida acolhida do pensamento de Alain Badiou pelos pensadores filosóficos brasileiros e pelas disciplinas filosóficas em território local, mas mais ainda, pelas boas-vindas ao filósofo terem se dado pelos estudiosos do campo psicanalítico lacaniano local⁴.

Um ponto objetivo destas peculiaridades é que dois anos antes da visita de Badiou ao Brasil pela primeira vez, sua obra *Manifesto pela Filosofia* (1991) já havia sido traduzida e publicada pelo *psicanalista* MD Magno. Logo, quando Célio Garcia (1999, p. 19) relata sobre a primeira visita de Badiou no Brasil, sobre as quatro semanas em que passou visitando a região sudeste do país e os principais centros universitários, defendendo que surgiria daí a primeira leva de textos de Badiou traduzidos para o português⁵, tal equívoco cronológico acaba

4 É fato que a primeira obra de Alain Badiou a ser traduzida ao português, *Manifesto pela filosofia* (1991) foi pelo psicanalista MD Magno do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro. O começo da propagação de seu pensamento está registrada nas traduções em português de Badiou de suas conferências e textos como é o caso de "Por uma Estética da Cura Analítica" (trad. Analucia Teixeira Ribeiro) publicado pela Escola Letra Freudiana no Rio de Janeiro em 2002 ou seções do livro *Le Nombre et les nombres* [Número e números, sem tradução em português] também traduzidas pela Letra Freudiana in 1,2,3,4 Ano XII n. 14 (1993) difundindo o pensamento do filósofo.

5 O mini-curso ministrado por Badiou na UFRJ introduzindo seu pensamento foi publicado como "Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras". Tradução Emerson Xavier da Silva e Gilda Sodré. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994

perpassando como mero detalhe, mas é um ponto que no fundo, enfatiza essa especificidade marcante ainda hoje da difusão do pensamento de Badiou no Brasil que é a sua relação com a psicanálise⁶. A hipótese que lançamos aqui é que a inquietação e inspiração de Badiou pela psicanálise de Lacan como uma das forças motrizes de seu pensamento filosófico, marca um dos pensadores da filosofia que levam a sério o ensino de Lacan. Assim, a maneira como Badiou sustenta um esforço de pensabilidade dentro de sua filosofia em relação à psicanálise de Lacan, demonstra um esforço certamente não hegemônico diante do cenário do pensamento filosófico de sua época. Badiou prove dignidade à psicanálise ao invés de descartá-la ou desconsiderá-la, e pode ter sido esse o elemento chave na composição da "tempestade perfeita" de sua acolhida no país em seu momento de expansão psicanálise. Consideremos essa uma possível razão da acolhida brasileira inicial de Badiou ter se dado pelos psicanalistas e talvez, razão pela qual encontrou um certo desdém ou resistência inicial pela filosofia, talvez tenha relação com a difícil filiação de Badiou frente ao cenário cindido do pensamento entre filósofos analíticos e continentais, e sua franca interlocução com psicanálise.

Cabe resgatar que o contexto da chegada da psicanálise no Brasil nos anos 1920 foi tripartido (DUNKER; NETO 2014, p.67): (a) com a discussão modernista estética enquanto elemento crítico em favor do teor universalista do sujeito contra antropologias de regime de dominação eurocêntricas; (b) com a psiquiatria higienista, introduzindo uma

6 Cabendo lembrar que Célio Garcia atuou como professor mas também como psicanalista em Minas Gerais, que foi um dos introdutores da psicanálise de Jacques Lacan no Brasil. Fato que, por si só, também marca mais outro vínculo íntimo entre a psicanálise e a difusão de Badiou em território nacional. Ver mais em: https://www.em.com.br/app/noticia/cultura/2021/12/21/interna_cultura,1332736/portal-divulga-a-obra-de-celio-garcia-mestre-da-psicologia-no-brasil.shtml

diagnóstica que dispute o positivismo francês e as práticas e (3) como uma psicologia das formas simbólicas para o pensamento econômico, sociológico e antropológico, passível de criticar as lógicas dos autoritarismos e de dominações colonialistas (DUNKER; NETO 2014, p.67-8). Especificamente acerca da psicanálise lacaniana e sua progressão em território brasileiro, Safatle (2023) ressalta o acréscimo de bases heterogêneas na chegada da vertente lacaniana. Enfatiza que a vinda da psicanálise de Lacan se deu pelas classes médias expatriadas à França (por vezes, por motivos políticos), pela vinda dos psicanalistas argentinos fugindo da ditadura militar de seu país e pela persistência na herança das vanguardas estéticas e literárias, renovadas pelo surrealismo, que sedimentaram o campo psicanalítico nas discussões culturais pelo país.

A psicanálise lacaniana se estabelece em território nacional, com premência, pelo Colégio Freudiano do Rio de Janeiro em 1975 pelos esforços de MD Magno e Betty Millan (SAFATLE 2023, p.145), do Colégio Freudiano do Rio de Janeiro que colocou-se como uma vertente anti-institucional que fazia frente ao engessamento psicanalítico hegemônico no país. O lacanismo espalhou-se pelo cenário fragmentado de "pequenos grupos e ofereceu formação menos hierárquica e menos dispendiosa" (ibid., p.145) suscitando um potencial em relação à dissipação da lógica de dominação institucional e iniciando alguma abertura da possibilidade da formação em psicanálise para um número maior de pessoas de diferentes formações e camadas sociais. A disseminação de Lacan nas universidades no Brasil foi organicamente progredindo dada às tendências da tradição do pensamento das universidades brasileiras (sua influência francesa), e ainda hoje, nos parece usual o encontro de disciplinas inspiradas na psicanálise em cursos de Psicologia, Filosofia, Ciências Humanas e Artes. No entanto, considerando o campo expandido da prática da psicanálise no Brasil,

nota-se riscos tanto em seus flertes liberais excessivos, quanto em seu "fechar os olhos" diante do autoritarismo e aos regimes brutais de violência e opressão social, como foi a sua peculiar relação com a ditadura militar no país. A psicanálise no Brasil corre o risco tácito de adesão aos apelos das elites, ao seu conservadorismo, tornando-se uma hermenêutica da culpa pequeno-burguesa branca ou pior, o risco de repetir sua indiferença frente aos excessos autoritários de regimes sociais presentes em seu passado⁷. Como enfatiza Safatle, "[r]econhecer a existência deste risco é a forma mais adequada de evitá-lo" (SAFATLE 2023, p. 145).

Resgatando a hipótese sustentada pelo artigo, da acolhida desse aluno de Lacan e Althusser em território nacional ter relação com seu debate com a psicanálise, provendo-lhe dignidade ao invés de desdém, no momento histórico crescente do campo psicanalítico local mesmo que à luz de suas críticas, parece prover um bom indício sobre sua trajetória no Brasil. Badiou não se furta da discussão da ciências dos impasses da psicanálise e de seus riscos, Badiou enfatiza suas críticas ao campo, critica o que quer dizer pensar "avançar" na psicanálise e seu retorno a Freud, critica a perspectiva do Real sob um certo monopólio interpretativo de Lacan e no que isso implica, critica a dimensão da exclusividade do fazer psicanalítico, de sua prática, acerca do triplete

7 O caso Amílcar Lobo (DUNKER 2015, p.154) é emblemático para retratar o pacto de formação e também da política de muros. Lobo foi um médico que fez seu treinamento em psicanálise enquanto integrava um aparato militar de repressão. O mesmo foi analisando de Werner Kemper, expoente da "psicanálise ariana" que vem para o Brasil depois da guerra e assim, perpetuando, geracionalmente, as práticas do obscurecimento dos sujeitos pela normalização da lógica dominação por meio da violência subjetiva e física extrema. O mesmo podemos dizer de Karl Weissmann (1964) em *Masoquismo e comunismo: contribuição à patologia do pensamento político*, cuja perspectiva tendenciosa patologiza seus inimigos ideológicos, pervertendo a psicanálise para cumprir sua agenda política e seus interesses pessoais sob o nome de boa psicanálise ao fazer do método um braço do Estado.

saber-verdade-real em termos psicanalíticos e tantas outras marcações... e provavelmente, estas mesmas discussões justifiquem porque a chegada de Badiou se deu pelo caminho ao qual se deu. De maneira mais técnica, a meditação 37 que encerra o *Ser e Acontecimento* (2005) [1998] se dá na discussão entre Descartes/Lacan, onde Badiou localiza sua divergência à psicanálise em torno da categoria de Sujeito⁸ que ele mesmo desenvolve. É possível que estas inquietações tenham instigado em primeiro momento mais aos psicanalistas do que aos filósofos locais, algo que apenas mais recentemente tem sido alterado no cenário intelectual do país.

Cabe ressaltar que Badiou, segue a tradição da forma de seminário no desenvolvimento de seus trabalhos de pesquisa. O faz sob o peso simbólico da tradição de estabelecer seminários, como fizera Lacan antes dele, que assume os seminários como um esforço laboratorial do trabalho do pensamento que preza pelo valor da surpresa da descoberta do pensamento em movimento, como fruto da trajetória investigativa na tradição platônica da oralidade. Ressalta que mesmo alguém que defendia a primazia da escrita, como é o caso de Derrida, não negligenciava a presença física e oportunidades de transmissão oral dentro do seu papel de transferência (BADIOU 2020, p.xix). Em 1994 Badiou dedicou um ano de trabalho em seu seminário para discutir a *antifilosofia* de Jacques Lacan, justamente entre os anos em que esteve no Brasil acenando seu trabalho aos psicanalistas.

8 O argumento da categoria de Sujeito em Alain Badiou é diferente de Lacan: "No que diz respeito à doutrina do sujeito, esse exame particular de cada um dos procedimentos genéricos se abrirá para uma estética, uma teoria da ciência, uma filosofia política e, finalmente, os mistérios do amor, a uma conjunção não-fusional com a psicanálise." (BADIOU 2005, p.555) [1998] Este tema é profundamente sensível e não será devidamente explorado aqui, podem esta relação foi investigada em "A torção do vazio: a emergência da teoria do sujeito de Alain Badiou à luz de Jacques Lacan" (VAZ 2021).

Filosofia e Anti-filosofia em Alain Badiou

Badiou estabeleceu seminários entre 1987 até 2012 e seus seminários detêm uma relação dialética com seus livros. A transmissão oral vem com o esforço do teste de hipóteses, da construção do trabalho do pensamento, algo bastante diferente do rigor da disciplina da exposição, que obriga um texto pré-formatado (BADIOU 2020, p.xix). A transmissão na forma do seminário, como coloca Badiou, é o exercício do pensamento imediato sem garantias, algo que esta especificidade oral do seminário detêm de maneira ímpar. Entre os anos de 1992 a 1996, Badiou dedicou-se em seus seminários ao tema da *anti-filosofia*, inserindo Lacan e sua psicanálise precisamente dentro deste conjunto.

Badiou toma a terminologia da *antifilosofia* do próprio Lacan, no entanto, o uso que faz dela é mais abrangente, tem a ver com o agrupamento disperso de pensadores que extrapolam o papel da crítica inerente ao campo em seus posicionamentos e dirigem-se ao compromisso de rechaço, por vezes bélico no campo das ideias, em relação à filosofia. Muito embora a contraposição da filosofia com a antifilosofia seja uma tradição antiga dentro do campo, podemos notar que na história do pensamento filosófico, desde os embates de Sócrates com os sofistas nas obras de Platão, já havia uma dinâmica dessa ordem. Logo, a constituição do campo filosófico em tensões com a antifilosofia não é necessariamente um fenômeno pouco usual, mas tal disputa reedita-se para Badiou sob condições contemporâneas e reconfiguram confrontos tradicionais para a atualidade. No entanto, diferentemente do compromisso da crítica, a tradição antifilosófica sustenta uma via que advoga por sua superioridade de atuação, de posicionamento e de prática. Seus desenvolvimentos visam mais do que inviabilizar o pensamento filosófico, visam rechaçar veementemente o campo e destituí-lo,

obliterá-lo. Para Badiou, os antifilósofos clássicos são Pascal, Rousseau e Kierkegaard, enquanto os expoentes centrais da anti-filosofia moderna são Nietzsche, Wittgenstein e Lacan. Badiou encerra sua investigação anti-filosófica adicionando mais uma figura histórica, discute o apóstolo São Paulo (BADIOU 2020, p. xli). À filosofia cabe o exercício de fazer frente à profundidade de suas oposições anti-filosóficas em nome da manutenção do campo sob a prerrogativa de pensar maneiras de transformar o mundo, de dissipar as estruturas de dominação e indicar alternativas em nome de condições de emancipação que hoje mostram-se impossíveis no horizonte: a anti-filosofia, cumpre um papel de tensionamento deste ofício segundo Badiou. Porém, esta dinâmica é crucial ao movimento do próprio campo filosófico em sua busca por *verdades*.

Na perspectiva anti-filosófica moderna, Badiou argumenta como Nietzsche, Wittgenstein e Lacan detém estratégias distintas para se valerem de sua prerrogativa de vitória na disputa pela subjetividade e objetividade crítica contemporânea. Há uma certa arrogância sobre a filosofia presente em Nietzsche em seus esforços por atos archi-políticos de cisão da história do mundo em dois, defendendo a destruição (BADIOU 2020, p.6). Já a estratégia wittgensteiniana, visa sustentar o ato fundamentalmente antifilosófico por meio da estética ou da ética, que Badiou defende, serem a mesma coisa ou até certo ponto, indiscerníveis, evidenciada no princípio da *salvação pelo silenciamento*, daquilo que auto-imposição do calar-se deve falar mais alto dentro de si no processo do pensamento. E finalmente, Lacan, que sustenta seu triunfo por meio da fundamentação científica da psicanálise, sustentando o ato analítico fundado na ciência do real e que marca sua prerrogativa anti-filosófica. Badiou enfatiza que, para Lacan, a anti-filosofia é caracterizada por estar "meramente *conectado* com o discurso analítico". (BADIOU 2020, p.6),

ou então, tudo aquilo que conectar ao discurso analítico opera enquanto anti-filosofia.

O presente artigo não tem como objetivo resgatar, a par e passo, toda a discussão do seminário de Badiou, mas busca apontar os elementos centrais da anti-filosofia de Lacan conforme aponta Badiou, a título de ilustrar seus impasses centrais. Façamos um breve mapa deste embate. Ao longo de todo o seu seminário, Badiou visa retratar como o ato psicanalítico defendido por Lacan, sustenta suas estratégias clínicas entre saber e verdade, distinguindo-se da relação verdade e significado, defendida Wittgenstein. Logo, sua estratégia de assumir o ato como transmissão fundante de sua anti-filosofia, traduziria um certo esforço de destituição filosófica da categoria de verdade (BADIOU 2020, p.8). No entanto, Badiou é cristalino, o esforço dos embates de Lacan com a filosofia são constantes por todo seu ensino, e é "perfeitamente possível argumentar que Lacan restaura e, de certo modo, re-estabelece a categoria de verdade" (BADIOU 2020, p.23), tamanho são os seus esforços. Lacan ao longo de seu ensino, em nome da destituição da categoria filosófica de verdade, precisou de certo modo atravessá-la, lembrando que tal categoria não era central para Lacan, não era marcada por uma intensa oposição, mas Lacan nutriu um flerte tortuoso com a categoria e por isso, caberia defender que o mesmo a re-estabeleceu para toda uma juventude de alunos franceses (BADIOU 2020, p.23). Embora essa tese seja polêmica, Badiou precisa de estratégia ousada para endereçar uma resposta à altura das críticas de Lacan, especialmente quando o psicanalista insiste que o "be-a-bá", aquilo que compõe a rotina diária da psicanálise da clínica, o real, era para o campo filosófico uma raridade inapreensível, já o real na prática clínica, o exercício deste ato, é o "feijão com arroz" do campo psicanalítico.

Para Badiou o ato psicanalítico defendido por Lacan, aquilo que rege a ação e prática enquanto anti-filosofia, diz de como tal prática

requer alcançar uma relação distinta entre a filosofia e a matemática (BADIOU 2020, p.27). Lacan defende um saber plenamente transmissível e destituído do suposto saber, defende a possibilidade de um saber impessoal e o nome disso é o *matema*⁹. Uma transmissão de saber como puro gesto de mostraçã. Tã logo, Lacan precisa estabelecer uma relação entre saber, verdade e real, que escape aos processos de encarnaçã do saber pelo discurso do mestre que, por sua vez, caberia ao filósofo. E, se no processo de ascensã à consciêcia por meio da ciêcia, a filosofia é bloqueada pela matemática e a ciêcia é a matemática *sem* consciêcia (BADIOU 2020, p.29) isso explicaria porque tanto Wittgenstein quanto Lacan, precisam tecer alternativas para lidar com a presença da matemática no campo filosófico. E para os anti-filósofos, segundo Badiou, o problema é sempre o do bloqueio matemático ao pensamento. Entretanto, a filosofia não poderia jamais ser confundida com aquilo que ela, na verdade, desbloqueia (BADIOU 2020, p.37). Para Badiou a filosofia é fundamental no processo de pensamento dos impasses matemáticos, não seria a matemática a razã dos bloqueios, mas sim, uma via possível de suas soluções.

Seguindo a construçã dos argumentos críticos de Lacan acerca da filosofia e a defesa de sua postura anti-filosófica, Badiou aprende com a crítica de Lacan de que a filosofia é "(1) bloqueada pela matemática, (2) tampa o buraco da política e (3) coloca o amor no centro de tudo aquilo que fala à respeito" (BADIOU 2020, p.65). Bem como, escuta que a filosofia "é desatenta ao registro do ab-senso. Permanecendo presa à oposiçã entre sentido e sem-sentido. Segundo, [que] a filosofia desatenta ao ab-sexo, jamais alcança a posiçã do saber no real. Terceiro, tudo o que a filosofia faz é espelhar sentido e verdade, numa paralisia

9 Advindos do mitemas levi-straussianos, a versã de Lacan dos matemas, sã um marco formal da transmissã psicanalítica lacaniana que evitam a equivocidade da linguagem em sua mostraçã.

especular" (BADIOU 2020, p.90). Passam a descrever os rumos do que a filosofia carece de posicionamento para não destituir-se de suas bases. Badiou inicia sua resposta criticando Lacan por não dividir a filosofia diante de sua relação com a matemática, por não notar um aspecto fulcral da filosofia, que é o de fazer-se "resistência imanente à sua própria tentação, a tentação do Um." (BADIOU 2020, p.108) Ou então, Lacan não notou que a filosofia não precisa obedecer os enquadres heideggerianos do ser subjugado ao Um, tão pouco, que a filosofia seja redutível à sua tentação imanente, ela "...é também, o caminho específico por onde liberta-se desta mesma tentação." (BADIOU 2020, p.109) Indicando que a construção do campo filosófico se dá precisamente nas formas de resistência à tentação e crítica inerentes aos seus próprios impasses.

Para Lacan, a filosofia não possuiria condições de constituir uma teoria do real por conta de quatro grandes motivos: (1) sua dependência à figura do discurso do mestre, de alguma forma, escapando à rotatividade entre os discursos; (2) sua incapacidade de produzir uma teoria do real; que a filosofia não teria condições formais de absorver o ab-senso da relação sexual, por ser uma categoria discursiva, que inevitavelmente, forçaria o ab-senso ao sentido, considerando que o "caráter filosófico do sem-sentido também é um caminho de forçamento do ab-senso ao sentido"; (3) que a filosofia não quer saber nem da *jouissance* nem da Coisa no sentido lacaniano e finalmente, (4) a filosofia por assumir que o "Ser pensa" execra a tese de Lacan do dismantelamento do cogito cartesiano de que "só há pensamento no lugar onde há ausência de ser" (BADIOU 2020, p.140). Ainda na trilha de Badiou¹⁰, Lacan sublinha a impossibilidade filosófica por conta obrigatoriedade da tese de que uma

10 Em Radiofonia, Lacan interpola os três termos ao endereçar: *Car la vérité se situe de supposer ce qui du réel fait fonction dans le savoir, qui s'y ajoute (au réel)* (LACAN 2001, p. 433)

filosofia requer a "possibilidade do saber da verdade do real" (BADIOU 2020, p.164), tese esta que não se sustenta diante das três negativas que Lacan expõe: "não há verdade do real; não há, estritamente falando, nenhum saber do real; e não há saber da verdade." (BADIOU 2020, p.164).

Além dos elementos fundamentais do pensamento de Lacan contra a filosofia, há também o seu dispositivo, há a clínica e ação que Badiou entende como crucial para o entendimento da antifilosofia: o ato analítico. O tratamento do dispositivo clínico psicanalítico se dá pela construção de uma constrição inicial que permitirá "erigir da impotência ao impossível", por meio de um processo de liquidação da transferência (SAFATLE 2017), se a transferência abre as portas para um processo de transformação diante de uma experiência de sofrimento, isso se dá permitindo com que os predicados da alienação sejam subsumidos ao longo desse processo, suscitando uma outra experiência de ordenamento, da invenção de uma outra linguagem até tal momento, ao passo em que se dissipa também a própria transferência com o analista ao longo deste processo, suscitando uma possibilidade única de decisão em nome da emancipação.

O ato analítico de Lacan vincula-se à operação de simbolização que se dá entre "a *impaciência* pela formalização e a *paciência* que faz esvair a angústia" (BADIOU 2020, p.178), esta é uma dialética fundamental da clínica para Lacan. Assumindo que a "angústia é a expressão da falta da falta atuando pelo excesso do real" (ibid., p.178), a angústia é o afeto que, embora não engane, coloca-se bloqueando a simbolização. Um paradoxo crucial da clínica, enfatizado por Badiou, onde o afeto que não engana é aquilo que impede o processo de simbolização. Para Badiou, o processo clínico refere-se a dois pontos, primeiro o processo de "erigir da impotência ao impossível sob o ideal do matema - por tratar-se de uma formalização lógica - que age como

limite ao real"(ibid., p.178) por meio do processo de simbolização; e em segundo, "dispensar a angústia em doses, o que implica que uma contra-simbolização age como guia" (ibid., p.179) para o processo. O ato analítico segundo Badiou versa precisamente sobre isso, "um efeito de dobra, que sempre ocorre no ponto onde a pressa para formalizar e a restrição do afeto, nesse caso, a angústia, convergem" (ibid., p. 179); tal convergência incita uma inevitabilidade do decisão. Para Badiou os esforços de Lacan evidenciam-se como anti-filosóficos justamente por seu endereçamento das três fraquezas filosóficas com a construção do ato analítico, a contraposição do bloqueio filosófico pela matemática é contraposto por Lacan pelo matema (ibid., p.182); a fraqueza filosófica do amor pela verdade que seria dissipado pela análise pela dimensão da castração e finalmente, a fraqueza filosófica do tamponamento do político (ibid., p.183), que por meio da crítica da composição imaginária da coletivização, pode vislumbrar uma composição de coletividade "para além da compulsão por repetir" (ibid., p.183). E, em todo efeito de dobra, o que há é o corte e a espera (ibid., p.200), uma relação única que Badiou ressaltar dizer do momento atual do pensamento.

É crucial que Badiou diante do posicionamento anti-filosófico de Lacan e do teor de suas críticas à filosofia, precise mobilizar-se e integrá-las ao desenvolvimento de seu próprio pensamento filosófico, fazendo dessas críticas um possível caminho futuro ao pensamento filosófico. Quando Badiou enfatiza os flertes de Lacan com a filosofia, trata-se de um esforço por parte do pensador de integrar ao máximo o ensino de Lacan, mesmo que por meio da tensão radical, mas sem sacrificar o campo filosófico por meio desse processo. Mesmo que ao fazê-lo, corra o risco de corromper Lacan ou (des)escutá-lo naquilo que preza seu ensino de afastar-se da filosofia ao se autodenominar um anti-filósofo por conta de sua prática e pensamento. Badiou fez da antifilosofia de Lacan um percurso filosófico necessário. Parece viável a

compreensão da teoria da transformação badiouiana, seu esforço de pensar as relações possíveis do ser enquanto ser e o acontecimento, por meio de operadores conceituais como verdade, saber, sujeito, transformação e real são frutos de sua apropriação crítica da psicanálise lacaniana. Badiou defende uma compreensão de transformação humana que afasta qualquer fixidez metafísica à categoria de sujeito, muito pelo contrário, está a posteriori onde sua fidelidade se direciona a um reordenamento de si que se faz possível, escapando de um direcionamento obscuro (que oculta e impede as mudanças da realidade positivamente) ou reativo (que cinicamente nega que algo pode ser transformado). A noção de sujeito em Badiou não está dada, este pode ou não advir, cabe colocar-se na direção criativa ou na ressurreição fiel ao processo de transformação por emancipações, daquilo que hoje, mostra-se impossível. Em algum lugar, a filosofia de Badiou não está tão longe das pretensões mais radicais daquilo que dispositivo clínico de Lacan pode nos mostrar, porém as transposições imediatas entre campos heterogêneos é extremamente problemática, cabendo considerar quais são as possíveis pontes para se cruzar e quais os limites de uma possível articulação.

Badiou e o coletivo dos analistas

Compreendendo que a transposição entre campos é um exercício do pensamento que requer cuidado, tomemos então, um dos posicionamentos críticos de Badiou diante de um ponto homogêneo ao campo da psicanálise. Um ponto em que Badiou parece avançar no pensamento crítico de Lacan acerca da psicanálise de seu próprio tempo, um tema discutido e problematizado diversas vezes pelo psicanalista: o coletivo dos analistas. O que se faz mais pertinente ainda, quando

levarmos em consideração que a entrada de Alain Badiou em solo nacional tenha se dado, precisamente, por meio dos grupos de psicanálise de orientação lacaniana. Badiou quando aterrissa no Brasil pela segunda vez, já havia formulado extensivamente sobre as críticas da pressuposição imaginária do coletivo dos analistas enquanto um problema central do campo psicanalítico e uma das suas falas proferidas, depois traduzidas (GARCIA 1996), versa justamente sobre isso. Parece que muito pouco foi escutado pelos *experts* da escuta acerca dos sintomas oriundos de seu próprio campo, especialmente, quando nos deparamos com os efeitos dessa crítica ao território nacional e o momento psicanalítico em questão.

Badiou (2020) aponta a problemática pulsão por repetição, por cisão, tão usual aos coletivos de psicanálise, a normalização da dissolução. No entanto, de maneira mais profunda, Badiou ressalta outro sintoma que se repete, a reprodução de um certo culto em torno do nome próprio no campo psicanalítico, uma espécie de repetição do momento inaugural de Freud replicado aos tempos de hoje. Os esforços de Lacan pela fundação de uma instituição psicanalítica que fizesse frente ao efeito de cola, usual nas escolas de psicanálise, passa justamente por denunciar o peso imaginário que solapava o discurso do inconsciente e não permitia uma filiação simbólica fruto da circulação deste discurso. Lacan identificava um esforço de ossificação de Freud na prática institucional do campo psicanalítico, uma sedimentação que esvaziava do discurso psicanalítico, condições de pensar sua própria prática em nome dos esforços de repetições burocráticas assegurados pela IPA (international Psychoanalytic Association). Após a ex-comunhão e a fundação da Escola Freudiana de Paris em 1964 (LACAN 1997), Lacan atentou-se ao efeito de cola imaginária fazendo o grupo vencer e calando ali um furo, um vazio, deveria ser mostrado, onde a implicação do desejo dos ali

presentes deveriam transitar em torno: o discurso do inconsciente, o discurso psicanalítico e o desejo por psicanálise.

Ciente destes percalços, em 1980, Lacan dissolveu a Escola Freudiana de Paris. O efeito imaginário do culto ao mestre que foi remontado sobre a autoridade de Lacan, o permitiu a posição deste quem dissolve, deste quem arbitra pelo coletivo, de quem arrisca uma diferenciação radical no grupo entre o coletivo dos analistas e o discurso analítico. A sua aposta visava um espaço de criatividade discursiva sobre o engessamento coletivo (BADIOU 2020, p.114). No entanto, Badiou critica que nessa aposta, Lacan pressupõe por um lado, uma aposta num "puro discurso" como se as implicações dos investimentos libidinais das pessoas, como se as consequências de escolhas e enlacs das montagens de coletividade fossem tranquilamente se re-estabelecer sem consequências, e por outro, Badiou entende que a dissolução é um gesto anti-filosófico, *par excellence*, que a constituição de um grupo sobre o discurso, seria uma criação política, uma vitória que inevitavelmente tampona aquilo que deve estar sempre aberto. Porém, Badiou ressalta que há o caráter simbólico do político que também permite um furo na consistência imaginária, tal aceno implica que há um caminho para uma coletividade de outra ordem instaurar-se (ibid., p.117).

Muito embora a exposição de Badiou acerca destes pontos para os grupos e escolas de psicanálise tenham ocorrido em meados dos anos 90, parece que a recepção das críticas acerca do fazer coletivo sob um outro desígnio, começaram apenas recentemente a serem notadas no cenário nacional. Não me refiro estritamente às tentativas das experiências psicanalíticas de práticas em praças públicas que se proliferaram no país desde 2004 (Ab'Saber 2011), mas sim, da expressão do movimento de diversos coletivos, grupos, círculos e redes que conclamam a condição de pensar a coletividade no seio de sua experiência, visando uma coletividade simbólica de um experimento

distinto do que a consistência imaginária de outrora, parece que uma coragem vem ganhando o campo, convidando a dimensão da invenção contra a estagnação e em busca de uma maneira distinta de organização coletiva que faça frente ao elitismo na psicanálise, à fragilidade da democratização da formação e aos silenciamentos dos percalços tantas vezes "normalizados" dentro do campo. As críticas de Badiou acerca dos silenciamentos e vícios do campo, servem-nos como alerta em nome de uma coletividade radical no campo do fazer psicanalítico, algo que ainda segue no horizonte de impossibilidade nos dias de hoje e que, por isso mesmo, se faz tão necessário.

Considerações Finais

O pensamento de Alain Badiou versa sobre uma construção ímpar nos nossos tempos atuais. Muito embora o pensamento de Badiou afaste-se da psicanálise, isso não quer dizer, que o caráter de seus posicionamentos críticos não sejam pertinentes para a própria mobilização do campo psicanalítico. Quando nos deparamos com a particularidade da difusão do pensamento de Badiou no Brasil se deu, proeminentemente, por conta dos esforços das Escolas psicanalistas lacanianas, mais do que uma espécie de convite desavisado, como o dos norte-americanos que convidam Freud e este declara que "eles não sabem que estamos lhes trazendo a peste", podemos compreender um desejo por rigor ao campo que é central no processo do desenvolvimento da psicanálise do Brasil. Há um movimento de tensão frente à crítica que é forçosamente uma força motriz para a condição de pensar a própria psicanálise. Críticos ferrenhos que obrigam a considerar os limites do campo, justamente, para que um melhor desenvolvimento de uma psicanálise possa acontecer. Podemos considerar que a expansão da

psicanálise em meados dos anos 80 e 90, alinha-se à chegada de Badiou, enquanto um interlocutores. Embora não possamos dizer necessariamente o mesmo em relação ao campo da filosofia brasileira, que permaneceu dormente em relação ao pensamento de Badiou, até pouquíssimo tempo atrás. A exploração dos sintomas da filosofia acerca deste silêncio, infelizmente, é um ponto para ser explorado em futuras oportunidades, mas parece fortuito notar que este silêncio tem sido rompido em termos mais recentes.

Enfatizando a acolhida pelo campo da psicanálise do pensamento de Alain Badiou, conseguimos notar que a apreciação de suas críticas, já incitava um encaminhamento de antigos vícios do campo, como por exemplo, uma problematização da cola imaginária na formação do coletivo dos psicanalistas e o impasse, até o presente momento, da possibilidade de uma organização coletiva inspirada pelo vazio, pelo discurso psicanalítico, atravessada pelo simbólico e fazendo frente ao real. Tal formação de conjunto parece ainda necessária de ser inventada ou pensada, a crítica de Badiou em relação aos vícios imaginários e as repetições sintomáticas do campo analítico que metastatizam em formações de analistas deficitários em relação à escuta local dos impasses postos, parece um ponto pertinente para ser considerado. O mesmo podemos dizer das tentativas de experiências de coletividades já conhecidas, como por exemplo os cartéis, que carecem de uma inventividade outra para a circulação do campo, uma em linha com o triplete: saber-verdade-real, arriscando uma outra relação entre o discurso do inconsciente e a coletividade. As considerações críticas que reverberam por Badiou são um convite de uma re-configuração da prática psicanálise em termos ainda mais radicais em relação à sua prática, ao dimensionamento da escuta. Se Badiou precisou acomodar Lacan à um campo heterogêneo, em nome de uma possibilidade filosófica distante, quem sabe não pareça tão imprudente, absorver

algumas das consequências deste movimento e testá-los no campo psicanalítico, especialmente, naquilo que nos ajuda a problematizar a resistência onde ela se mostra: ao lado do analista e como absorver as críticas de Badiou, pode ser pertinente para a sobrevivência da psicanálise enquanto um discurso contundente e radical, ao invés de ser aglutinado pela lógica do capital e correndo o risco de reproduzir sua lógica inculcando-a na cabeça das pessoas.

Mesmo que a entrada do Badiou tenha se dado pela psicanálise, isso atesta um esforço de rigor metodológico de um campo que pode sim, buscar mais em relação às consequências entre a formalização, a matemática e a linguagem, diante da psicanálise lacaniana. Mesmo que ainda hoje no Brasil, os dedicados à filosofia de Badiou, usualmente sejam atrelados à psicanálise, isso não é um problema, é uma solução. A chegada das ideias de Badiou suscitam uma série de reconfigurações fenomenológicas, de estruturas de transformação e consequências ao pensamento, cabe fazê-las tornarem-se mais costumeiras aos debates em terras nacionais, seja por qual auditório, se faça apto à ouvir.

Referências Bibliográficas

Ab'Saber, Tales. *Lulismo: carisma pop e cultura anticrítica*. São Paulo: Hedra, 2011.

Arantes, Paulo. *Um departamento francês de ultramar*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e terra. 1994.

Badiou, Alain. *Adventures of French Philosophy*. London: Verso books, 2012.

Badiou, Alain. [1998] *Being and Event*. London: Continuum, 2005.

Badiou, Alain. *L'Immanence des vérités*. Paris: Fayard, 2018.

Badiou, Alain. *Lacan*. New York: Columbia University Press, 2020.

Badiou, Alain. *Logics of Worlds*. London: Verso Books, 2006.

Badiou, Alain. Manifesto pela Filosofia (1 e 2). Trad. Rodrigo Gonsalves e Daniel Alves. São Paulo: LavraPalavra, 2022.

Badiou, Alain. Manifesto pela Filosofia. Trad. Md Magno. Rio de Janeiro: Angélica (psicanálise & cia) Colégio Freudiano do Rio de Janeiro, 1991.

Badiou, Alain, *Le Nombre et les nombres*, Paris, Éditions du Seuil, 1990, p. 261-265

Badiou, Alain. Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras. Tradução Emerson Xavier da Silva e Gilda Sodré. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994

Badiou, Alain. Por uma nova definição da verdade Trad. Luiz Paulo Leitão Martins in Revista *Ágora* (Rio de Janeiro) v. XVIII n. 2 jul/dez 2015 169-180.

Badiou, Alain. [2016]. *The One: Descartes, Plato, Kant*. New York: Columbia University Press, 2023.

Badiou, Alain & Žižek, Slavoj. *Philosophy in the present*. New York: Polity Press, 2009.

Dunker, Christian. *Mal-estar, sofrimento e sintoma*. São Paulo: Editora Boitempo, 2015.

Dunker, Christian; Neto, Fuad Kyrillos. Conflito entre psicanalistas e impasses fálicos da brasilidade in *Stylus Revista de Psicanálise Rio de Janeiro* no. 29 p.67-84 novembro 2014.

Garcia, Celso. *As conferências de Alain Badiou no Brasil*. Minas Gerais: Autêntica, 1999.

Lacan, Jacques. *Autres écrits*. Paris: éditions du seuil, 2001.

LACAN, Jacques (1953) Carta a Rudolph Loewenstein de 14 de julho de 1953 [Trad. P. S. de Souza Jr.]. *Lacuna: uma revista de psicanálise*, São Paulo, n. -1, p. 13, 2016. Disponível em: <<https://revistalacuna.com/2016/05/22/carta-de-jacques-lacan-a-rudolph-loewenstein/>>

Lacan, Jacques. *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1997.

Prado Jr., Bento. (coord.); Monzani, Luiz Roberto; Gabbi Júnior, Osmyr Faria. *Filosofia da Psicanálise*. Brasília: Ed. Brasiliense, 1991.

Safatle, Vladimir. *Entre clameur des luttes et silence de l'analyste. Faire de la psychanalyse une arme in Psychanalyse du reste du monde: géo-histoire d'une subversion* (coord.) Livio Bani et Sophie Mendelsohn. Paris: La Découverte, 2023.

Safatle, Vladimir. Lacan, revolução e liquidação da transferência: a destituição subjetiva como protocolo de emancipação política in *Estudos Avançados* 31 (91), 2017